

ROBSON FILHO

PARA ALÉM DO ARCO-ÍRIS

Viçosa – MG

Curso de Comunicação Social/Jornalismo da UFV

2016

ROBSON FILHO

PARA ALÉM DO ARCO-ÍRIS

Projeto experimental apresentado ao Curso de Comunicação Social/Jornalismo da Universidade Federal de Viçosa, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Orientadora: Mariana Ramalho Procópio

Viçosa – MG
Curso de Comunicação Social/Jornalismo da UFV
2016



Universidade Federal de Viçosa
Departamento de Comunicação Social
Curso de Comunicação Social/Jornalismo

Projeto experimental intitulado *Para Além do Arco-íris*, de autoria do estudante Robson Evangelista dos Santos Filho, aprovado pela banca examinadora constituída por:

Prof. Mariana Ramalho Procópio – Orientadora
Doutorado em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Minas Gerais

Murilo Silva de Araújo
Doutorado em andamento em Interdisciplinar Linguística Aplicada pela Universidade Federal do Rio de Janeiro

Gracielle Fonseca Pires
Mestrado em andamento em Letras pela Universidade Federal de Viçosa

Viçosa, 09 de novembro de 2016

Agradecimentos

Agradeço aos meus pais Robson e Edna, pelo tanto que já fizeram por mim. A todos os meus familiares, mas em especial à minha mãe, que sempre me deu amor, carinho, apoio, que me impulsiona e me inspira. Minha companheira, ela esteve comigo nos momentos felizes e tristes. Espero que continuemos assim, inseparáveis como tinta e papel. Acredita tanto em mim, às vezes até exageradamente, como quando espalha, orgulhosa, os meus feitos. Espero nunca decepcioná-la.

Ao Emerson, meu amigo há anos. Parceiro na produção de jornais e revistas que comercializávamos na escola. O leitor de tudo quanto é coisa que eu escrevo. Me deu muito incentivo. À minha talentosa amiga Naiara, que aceitou a proposta de participar deste projeto e fez as incríveis fotos do livro. Espero que possamos fazer outros projetos juntos. Aos meus amigos-irmãos Willian e Warley e a todos aqueles cuja amizade nem o tempo nem a distância conseguiram abalar.

Aos meus amigos de república, principalmente Wellingson, Yaghor e Diego, que estiveram comigo neste período em Viçosa, que foram a minha família. Que me aguentaram comentando sem parar sobre o livro e que foram consultores. Aos outros amigos também tão presentes, que se envolveram, como Guilherme, Aline, Gian, João, Lucas, Lívia, dentre tantos outros.

Aos meus colegas alunos do Jornalismo, em especial aos meus queridos amigos e companheiros de curso Laryssa e Mateus. A todos os meus professores, que me fizeram estar aqui neste momento, especialmente à Mariana. Obrigado pela parceria que formamos, por todo este tempo de orientação, na extensão, na pesquisa, no TCC. Agradeço também pela paciência, pela dedicação, pela ajuda, por ter confiado em mim e por ter se tornado minha amiga. Aos funcionários do Departamento de Comunicação Social e a todos que estiveram comigo nesta trajetória na universidade.

Às pessoas que já foram fontes jornalísticas e compartilharam comigo as suas histórias e principalmente aos personagens do meu livro, Jonathan, Eduardo, Virgílio, Rafael, Ozzy, Caíque, Leonardo, Nathan, Pyter, Iran, Henrique, Gilberto, Rodrigo, Paulo, Tércio e George. A todos aqueles que contribuíram para este livro, direta ou indiretamente, aos que acompanharam o processo de produção, que se interessaram, que torceram. Nem tenho palavras para expressar o quanto isso significa para mim!

*“E eu não posso mudar,
Mesmo se tentasse,
Mesmo se quisesse.”*

Same Love,
Macklemore, Ryan Lewis e Mary Lambert.

Resumo

O livro-reportagem *Para Além do Arco-íris* é um projeto experimental produzido como Trabalho de Conclusão de Curso para obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social – Jornalismo pela Universidade Federal de Viçosa – UFV. O livro apresenta perfis com fotografias e narrativas jornalístico-literárias das histórias de alguns gays, de lugares, idades, ocupações, raças, classes sociais e tipos físicos variados. O livro é composto por treze capítulos distribuídos em seis seções temáticas: homofobia; HIV; preconceito no grupo; família e religião; visibilidade e militância; casamento e adoção. Da perspectiva teórica, autores como Daniel Mazzaro de Almeida, Edvaldo Pereira Lima, Felipe Pena e Sérgio Vilas Boas foram utilizados para subsidiar o processo de produção, tanto sobre o tema homossexualidade quanto sobre as especificidades na construção de um livro-reportagem. Como procedimentos metodológicos adotados destacam-se as pesquisas, o levantamento de fontes, as entrevistas, os ensaios fotográficos, a edição das fotos, a produção dos textos, a elaboração do projeto gráfico, a diagramação, a revisão e a impressão do produto.

Palavras-chave: livro-reportagem, perfis, gays.

Abstract

The book-report *Para Além do Arco-íris* is an experimental project made as work of class conclusion to obtain the title of Bachelor in Social Communication – Journalism by Universidade Federal de Viçosa – UFV. The book shows profiles with photographs and journalistic literary narratives of the stories of some homosexuals from places, ages, occupations, breeds, social class and several physical types. The book is composed by thirteen chapters divided into six thematic sections: homophobia; HIV; prejudice in the group; family and religion; visibility and militancy; marriage and adoption. By the theoretical perspective, writers like Daniel Mazzaro de Almeida, Edvaldo Pereira Lima, Felipe Pena and Sergio Vilas Boas were used to contribute to the production process as about the homosexuality theme like the specificities in the building process of a book-report. As methodological procedures, the researchs, the interviews, the photo shoots, editing photos, the production of texts, the development of graphic design, diagramming, review and print product.

Keywords: book-report, profiles, gays.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO: PROTEJANDO O ARCO-ÍRIS	08
CAPÍTULO 1 – DISCUSSÕES SOBRE HOMOSSEXUALIDADE	13
CAPÍTULO 2 – DISCUSSÕES SOBRE LIVRO-REPORTAGEM	17
CAPÍTULO 3 – RELATÓRIO TÉCNICO	21
3.1. Pré-produção	21
3.2. Produção	22
3.3. Pós-produção	24
3.4. Orçamento, materiais e cronograma	26
CONSIDERAÇÕES FINAIS: PARA ALÉM DE <i>PARA ALÉM DO ARCO-ÍRIS</i>	27
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	29
ANEXO	31

INTRODUÇÃO: PROJETANDO O ARCO-ÍRIS

Por muito tempo a homossexualidade foi considerada tabu na sociedade. Entretanto, conforme aponta Pinho (2010), a partir da década de 90, quando a sexualidade passa a ser entendida livre de preconceitos, a homossexualidade encontra seu lugar. A exposição dos gays perante família, religião e mídia permitiu um diálogo mais maduro, impensável até pouco tempo, e começou a reverter o quadro de hostilidade social (ANDRADE apud TIRELLI, 2011).

A visibilidade dos homossexuais foi possibilitada, de acordo com França (2006), pela crescente influência de iniciativas do Estado, através de políticas públicas de prevenção às doenças sexualmente transmissíveis; pelo fortalecimento do mercado segmentado a gays, lésbicas e “simpatizantes” (GLS) nos grandes centros urbanos; e pela atuação da mídia. Esta última, segundo Lemos (2006, apud TIRELLI, 2011), contribuiu para um maior entendimento por parte dos homossexuais sobre a liberdade de poder ser quem são e, para Tirelli (2011), foi tornando mais aceitável a imagem deles para a sociedade, embora por vezes tenha atuado na contramão.

Ao serem retratadas em veículos de comunicação, quaisquer representações sociais de minoria sofrem um processo de exposição massiva que pode ser eficiente na desmistificação de estereótipos ou, num efeito reverso, reforçá-los, estigmatizando-os e gerando preconceitos (QUINTÃO; GUIMARÃES; DUARTE, 2013, p. 4).

Dependendo do modo como apresenta os homossexuais ao público, a mídia, que possui um importante papel na formação da opinião pública, pode, ao invés de reverter o contexto social, intensificar preconceitos que serão conseqüentemente reproduzidos pela sociedade, sem dar margem a discussões importantes sobre o tema que deveriam ser trazidas à baila.

Especificamente no campo do Jornalismo, há, assim, o descumprimento do Código de Ética da profissão, que, por meio dos itens XI e XIV do artigo 6º, aponta como deveres do jornalista:

- Defender os direitos do cidadão, contribuindo para a promoção das garantias individuais e coletivas, em especial as das crianças, adolescentes, mulheres, idosos, negros e minorias.

- Combater a prática e perseguição ou discriminação por motivos sociais, econômicos, políticos, religiosos, de gênero, raciais, de orientação sexual, condição física ou mental, ou de qualquer outra natureza. (Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros, 2008).

Diante do compromisso profissional do jornalista e do panorama de como os homossexuais têm sido retratados na mídia, o livro-reportagem *Para Além do Arco-íris* surgiu como uma forma alternativa de fazê-lo, como uma proposta de ser um veículo de comunicação que, ao apresentar perfis com histórias de indivíduos homossexuais ao mesmo tempo em que trata, com o devido cuidado e a atenção merecida, de vários assuntos relacionados a este universo, consiga ser eficiente para a promoção de debates necessários, para a defesa dos direitos e para o combate à discriminação.

Apesar de alguns avanços já conquistados pelos homossexuais, como a garantia de igualdade de alguns direitos em relação aos heterossexuais, a exemplo do casamento civil e da adoção, ainda há resistência por parte da sociedade, o que pode ser confirmado pela pesquisa “Diversidade Sexual e Homofobia no Brasil: intolerância e respeito às diferenças sexuais”¹, realizada em 2008 pela Fundação Perseu Abramo. Quase a totalidade das pessoas entrevistadas nesta pesquisa concordou que existe preconceito contra as pessoas LGBTs (ou LGBTTT – lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e transgêneros) no Brasil, mas quando questionados sobre serem preconceituosos, uma média de 27% dos entrevistados declarou ter preconceito contra LGBTTTs, sendo que 23% admitiu ter preconceito contra os seis grupos simultaneamente e 32% contra pelo menos um deles. Especificamente, 26% dos entrevistados declarou ter preconceito contra gays.

Segundo dados do relatório do Grupo Gay da Bahia, a mais antiga associação de defesa dos direitos humanos dos homossexuais no Brasil, só entre janeiro e julho de 2016 foram registradas 132 mortes de LGBTs no país. Em 2015, foram 318 mortes motivadas por homofobia, o que equivale a um assassinato a cada 28 horas². Isso fez o Brasil ser considerado o lugar mais violento para os homossexuais no mundo. Especificamente, 52% das vítimas eram gays. E estes números podem ser ainda maiores, principalmente por não ter como precisar quantos casos tiveram a homofobia como motivação principal, uma vez que não é possível registrá-la como crime por não existir na legislação brasileira.

¹ Disponível no endereço <http://novo.fpabramo.org.br/content/diversidade-sexual-e-homofobia-no-brasil-intolerancia-e-respeito-diferencas-sexuais>.

² Disponível no endereço <https://grupogaydabahia.com.br/2016/01/28/assassinato-de-lgbt-no-brasil-relatorio-2015>.

Justifica-se, assim, a relevância social de se abordar este tema, com os objetivos de reivindicar respeito, desmitificar e problematizar estereótipos, elucidar a sociedade sobre os homossexuais e diminuir o preconceito e a violência contra eles. Além disso, o livro volta-se também para a própria comunidade gay, que, já tão estigmatizada, pode se sentir então representada. Nisso, Darde (2008) aponta a mídia como preponderante para dar voz às minorias que buscam o direito de se representar ao invés de serem representadas pelos grupos dominantes:

A busca pelo reconhecimento social, amparada em um discurso de conquista da cidadania, será bem sucedida quando a imprensa, reconhecida como instituição que legitima as práticas culturais e constrói o imaginário coletivo sobre as relações sociais, transformar o caráter arbitrário da cultura dominante na sociedade brasileira em culturas paralelas entendidas como diversidade (DARDE, 2008, p. 223).

Mas o livro não só pretende dar visibilidade ao grupo, como também convida os próprios gays a refletirem sobre algumas questões, como, por exemplo, o preconceito que acontece entre eles mesmos, na comunidade LGBT.

Em síntese, os objetivos principais deste trabalho de conclusão de curso é revelar histórias de alguns gays, seus processos de descoberta e aceitação da sexualidade, suas experiências, problemas e conquistas; tratar a identidade da comunidade gay; abordar temas relevantes do seu universo, como homofobia, HIV, preconceito no grupo, família, religião, visibilidade, militância, casamento e adoção; além de consistir em um material que seja representativo para os gays e forneça informações que auxiliem na reeducação da sociedade sobre eles.

Além destas visadas, a escolha pelo tema ancorou-se também em motivações pessoais, principalmente por eu ser gay e agora admitir isso, inclusive escolhendo o livro-reportagem como ferramenta para deixar o armário. Os anos na graduação, com mudanças de pensamentos e posturas, representaram um marco na minha história pessoal. Foi neste período que superei a negação e passei a me aceitar como sou, daí a ideia de concluir a minha trajetória na universidade com algo relacionado à temática e apresentar histórias de outras pessoas como eu.

Optei por criar um livro-reportagem baseado em uma vontade própria de fazer este produto, assim como por pensar este formato como uma possibilidade de se tratar o tema de um modo que não é geralmente abordado na mídia. Este interesse vai ao encontro das

características de livro-reportagem elencadas por Edvaldo Pereira Lima (2004, p. 33), que define o produto como “fruto da inquietude do jornalista que tem algo a dizer, com profundidade, e não encontra espaço para fazê-lo na imprensa cotidiana”.

Já a escolha pelo jornalismo literário para a construção das narrativas do livro-reportagem se deu pelas características desta modalidade, que aproxima jornalismo da literatura, e coincidem não apenas com minhas preferências no processo de produção como também são pertinentes à proposta do projeto experimental. Isso porque possibilita abordagens sensíveis, profundas e humanas sobre os personagens, e permite, de acordo com Felipe Pena (2006), potencializar os recursos do jornalismo; fornecer visões amplas da realidade; fugir da rotina tradicional e das limitações impostas pelo *lide* e pelo *deadline*, por exemplo; aplicar técnicas literárias e usar a subjetividade e a criatividade; evitar fontes oficiais e procurar por cidadãos comuns; garantir perenidade aos relatos; e exercitar a cidadania, pensando no compromisso com a sociedade e na formação dos cidadãos.

Escolher, então, como produto um livro-reportagem, que não tem um formato padronizado ou pré-determinado, e se valer do jornalismo literário para a sua produção permite tratar desta importante e contemporânea pauta da sociedade, trazendo informação e lutando pela causa, com liberdade de temas, de angulação, de propósito e de fontes, apurações delicadas, sem preocupação com tempo ou estrutura textual, em narrativas que fogem do modelo jornalístico tradicional, raso e efêmero, podendo expandir o conteúdo, torná-lo duradouro e, ainda, mesclar com a literatura.

Como um dos personagens do livro ressaltou, os gays têm tido visibilidade na mídia, mas aí devemos direcionar nossa reflexão sobre o modo como os veículos de comunicação tem os representado, pois, geralmente, não dão profundidade ao tratar de questões importantes tampouco revelam o que há por trás de cada pessoa, daí a proposta do livro-reportagem de mostrar as histórias dos personagens, de ir além do arco-íris, como seu título propõe.

É preciso explicar aqui que o termo gay, embora seja usado para referir-se também às mulheres homossexuais, foi introduzido por John Boswell como designativo de relações entre homens, em substituição ao vocábulo homossexualidade, que trazia conotação médica pejorativa e reduzia as relações a nível meramente sexual. Michel Foucault, seguindo Boswell, acreditava que o termo gay, ao invés de homossexual, contribui para uma valoração positiva de uma consciência na qual a afetividade e o amor também ganham importância (TORRÃO FILHO, 2005). Ao colocar aqui a palavra gay, refiro-me aos homens gays, que

constituem o segmento G do grupo LGBT e são os perfis retratados neste trabalho, mas sem, com isso, ter a intenção de ignorar os outros membros do grupo.

É preciso explicar também que, ao utilizar os termos homossexual e homossexualidade, de forma a fazer referência ao indivíduo ou à sua identidade, não pretendo colocá-los sob a concepção médica do desviado nem reduzi-los à prática entre pessoas do mesmo sexo, pois, assim como para Almeida (2016), um dos autores da bibliografia que serviu como base neste trabalho, a utilização destes termos se dá simplesmente por ser a mais comum nas últimas décadas para se referir a uma das modalidades sexuais do ser humano.

Originalmente, o projeto tinha a proposta de trazer personagens de todo o grupo LGBT, mas foi feito um recorte em razão do tempo de produção que seria insuficiente para tratar de todos os segmentos da comunidade, correndo o risco de não conseguir abordá-los com a profundidade necessária. A escolha por personagens gays se deu por motivações pessoais e também por já debruçar-me especificamente sobre eles em minha iniciação científica, em um projeto de pesquisa, articulado com este trabalho de conclusão de curso, no qual analiso como as questões relacionadas ao universo LGBT são tratadas nos vídeos produzidos por um canal no YouTube destinado ao público gay, como as identidades individual e coletiva são construídas e se são consideradas as alteridades existentes no próprio grupo.

Neste memorial, exponho os referenciais teóricos e os procedimentos metodológicos utilizados no processo de produção de *Para Além do Arco-íris*. No primeiro capítulo apresento algumas considerações sobre a temática, principalmente a partir de Daniel Mazzaro de Almeida, relatando resumidamente o percurso histórico da homossexualidade. No segundo capítulo, apresento considerações sobre jornalismo literário e livro-reportagem, a partir das contribuições dos autores Sérgio Vilas Boas, Felipe Pena e Edvaldo Pereira Lima. Já o terceiro capítulo consiste em um relatório técnico, com a explicação das etapas de pré-produção, produção e pós-produção do livro. E, por último, apresento as considerações, nas quais discorro sobre a experiência de criação do livro, assim como sobre as perspectivas em relação ao produto.

CAPÍTULO 1 – DISCUSSÕES SOBRE HOMOSSEXUALIDADE

O termo surgiu apenas em 1869 pelo médico Karoly M. Benkert, mas a homossexualidade sempre existiu na história da humanidade e, de acordo com Daniel e Baudry (1977, apud PINHO, 2010), não foi ignorada, mas interpretada e admitida de modos diversos. Como aponta Almeida (2016, p. 22), “a história das homossexualidades, como de quaisquer outras sexualidades ou quaisquer outras identidades, acompanha o modo de ver da sociedade”. O autor faz um apanhado histórico desta trajetória, o que considera uma atividade complexa, já que a construção sobre os homossexuais é relativamente recente e o que se faz é, portanto, lançar ao passado os entendimentos atuais.

Trago aqui alguns apontamentos históricos sobre a homossexualidade e questões a ela relacionadas a partir das contribuições de Almeida (2016). O autor relata que, em um primeiro momento, especificamente na Antiguidade, as relações sexuais entre homens estavam relacionadas à crença de que os jovens só absorveriam as virtudes de um bom cidadão se mantivessem relações sexuais com homens mais velhos. Não buscavam prazer, mas ascensão na sociedade. Já na Era Cristã, a conduta sexual passou a ser regulada pelas autoridades civis e eclesiásticas, que definiram a prática homossexual como pecado contra a natureza, assim como a masturbação, e crime passível de morte, como o adultério, uma vez que não era realizada para a produção de filhos. Na Idade Média, seguiu-se a perseguição, com tortura e extermínio dos que praticavam a chamada sodomia. Embora este termo tenha sido associado à homossexualidade, nenhuma das passagens bíblicas que se referem à depravação de Sodoma sugere que seja um delito do tipo homossexual, tendo esta interpretação surgida, portanto, apenas posteriormente (ALMEIDA, 2016).

Na Idade Contemporânea, especificamente na virada do século XIX para o século XX, o sexo passou a pertencer ao domínio da medicina, que modificou as temáticas do cristianismo, daí a necessidade de criar outros vocábulos, como o termo homossexual. Pela visão médica, a homossexualidade foi entendida como inversão sexual e considerada uma enfermidade, uma anomalia. Os médicos, assim que passaram a ser apreciados como enunciadores sobre o corpo, deslocaram atenção para os corpos anormais que escondiam doenças que, conforme acreditavam, podiam conduzir ao declínio da civilização, contaminação e extinção da raça. Voltaram-se, assim, para os corpos homossexuais para defini-los. Na sequência, sob uma perspectiva psíquica, pensou-se que esses indivíduos “desviantes” não tinham apenas uma prática sexual anormal, mas também a personalidade,

daí passou-se a identificar não somente marcas no corpo, como também comportamentos e profissões. Em outros momentos, a homossexualidade foi definida como um fenômeno congênito e hereditário. Tentou-se explicá-la, ainda, por meio do ambiente e por maus lugares que produziam o vício (ALMEIDA, 2016).

Em suma, a homossexualidade, segundo a autora Uziel (1999, p. 4) “já ocupou a esfera religiosa como pecado, a legal como crime e a médica como doença”.

Do século XX para o século XXI, os homossexuais passaram a se identificar como indivíduos homossexuais e não se limitavam mais, portanto, a pessoas praticantes de atos homossexuais (ZANOTTI, 2010, apud ALMEIDA, 2016). Conforme ressalta Nunan (2003), a homossexualidade não consiste apenas em um comportamento sexual, ou seja, em práticas eróticas ou afetivas homossexuais, mas também em uma identidade sexual, que trata da definição do indivíduo enquanto homossexual. Com essa mudança de percepção, passaram a existir locais e serviços destinados a eles, como os bares e os pubs, que possibilitavam encontros e serviam como refúgio para quem queria se livrar do controle e supervisão dos familiares. Nascia, assim, o mundo gay, no qual os indivíduos possuíam duas ou várias identidades sociais: geralmente uma ligada à sua profissão, “mostrada” no cotidiano, e outra “escondida”, revelada apenas nestes momentos de lazer (ALMEIDA, 2016).

Vale ressaltar aqui que a identidade deve ser entendida como um processo de se tornar mais do que como uma essência, diferença que Hall (1998) discute ao apontar as três concepções de identidade ao longo do tempo. A primeira delas era uma compreensão mais individualista, com o sujeito do Iluminismo, que acreditava que os indivíduos possuíam um centro no núcleo interior, que emergia no nascimento e se desenvolvia permanecendo idêntico até a morte. Este centro essencial seria a identidade de uma pessoa. Numa segunda concepção, agora mais interativa, surge o sujeito sociológico que permanece com a ideia de núcleo interior, mas acreditando que este era formado e transformado na interação com outras pessoas. O sujeito, antes com uma identidade fixa, foi sendo fragmentado e tornando-se composto não por uma única, mas por várias identidades, produzindo, assim, o sujeito pós-moderno, que assume identidades diferentes em diferentes momentos, deslocando continuamente as suas identificações (HALL, 1998).

Além dos locais e serviços destinados aos homossexuais, pode-se observar também uma maior flexibilização nas relações, que deixaram de estar submetidas ao esquema ativo-passivo. Eles também deixam de ser os invertidos dos discursos médicos ou sinônimo de

homem-mulher e passam, inclusive, a pertencer a uma cultura própria gay (ALMEIDA, 2016).

A figura do homossexual foi tornando-se pública em todo o mundo, com o “sair do armário” como bandeira de luta e movimentos como o Orgulho Gay. Fatos importantes contribuíram para isso, como a Rebelião de Stonewall, em 1969, nos Estados Unidos. Neste episódio, que é um dos mais conhecidos da “cultura gay” mundial, o bar de Stonewall In, em Greenwich People, Nova York, era frequentado por travestis, transexuais e transgêneros, e funcionava mediante pagamento de suborno aos policiais que vistoriavam o estabelecimento semanalmente. Na madrugada do dia 28 de junho de 1969, a polícia interditou o local, anunciando que só deixaria ir embora quem tivesse documento de identidade, o que significava que a maioria dos clientes continuaria presa no bar, já que suas imagens não coincidiam com as descrições dos documentos. Muitas pessoas resistiram e outras, que ficaram sabendo, aglomeraram-se na porta do bar. Conforme os clientes iam sendo liberados, eram transferidos para camburões, até que uma travesti se recusou e um policial a golpeou. Foi aí que as pessoas jogaram moedas nos policiais, gritando que estava ali o dinheiro que queriam. Garrafas e pedras também foram arremessadas, ocasionando um confronto na rua. Aos homossexuais juntaram-se os negros da região. Policiais voltaram para o interior do bar e a violência aumentou, incluindo incêndios. O combate só diminuiu com a intervenção da Unidade de Operações Táticas. Na noite seguinte, houve novos enfrentamentos. Dois mil vizinhos do bairro contra os policiais. O episódio foi o ponto de partida para o movimento de libertação gay e o marco para a busca pelos direitos dos homossexuais. No ano seguinte, em 1º de Julho, foi realizada uma marcha em Nova York, a precursora das Paradas do Orgulho Gay (ALMEIDA, 2016).

Almeida (2016) também aponta como outros fatos importantes para a visibilidade gay a eliminação da homossexualidade da lista de doenças mentais da Associação Americana de Psiquiatria em 1973 e da lista de doenças da Organização Mundial de Saúde (OMS) em 1990. A isso se seguiram diversas pesquisas para tentar explicar o fenômeno homossexual em diversas áreas do conhecimento.

Na década de 80, com o surgimento da AIDS, conhecida na época como “peste rosa”, “câncer gay” e “doença dos homossexuais”, voltou a se atribuir o estereótipo do enfermo a eles, agora tidos como pervertidos que alastram a doença do século, mesmo cientistas apontando que a epidemia afetava também heterossexuais, homens e mulheres. Para reverter esta situação, grupos de militância decidiram divulgar a imagem do “gay comportado”, que se

encaixava no molde heterossexual. Ainda assim, o preconceito continuou. E, embora negativamente, nunca havia se falado tanto sobre a homossexualidade, que passou a ser incorporada nas esferas política, educativa e comunicativa (ALMEIDA, 2016). A partir disso, foram obtidas várias conquistas, mas, para Facchini (2009), apesar de algumas mudanças e da representação LGBT na sociedade, há ainda bastante a ser trabalhado:

Nos últimos anos, assistimos a um crescimento do movimento de lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais (LGBT) e da visibilidade das questões que envolvem a temática das homossexualidades e da multiplicidade das expressões e identidades de gênero no Brasil. Se, por um lado, há avanços, representados principalmente pela formalização de programas governamentais e pelo incremento do debate público, há também novos desafios colocados (FACCHINI, 2009, p. 133).

No Brasil, em 2010, casais homoafetivos conseguiram adoção de crianças, além de incluir os companheiros(as) como dependentes na declaração do Imposto de Renda e o direito de receber herança ou pensão pela morte do cônjuge. Em 2011, o Supremo Tribunal Federal reconheceu o registro da união estável de casais homossexuais e, em 2013, o Conselho Nacional de Justiça emitiu uma resolução determinando que todos os cartórios do país realizassem casamento civil entre pessoas do mesmo sexo, porém o casamento gay ainda não foi legalizado, por ainda precisar da autorização de uma lei no Congresso Nacional, podendo ser contestado por juízes, o que dificulta o processo. Além disso, nesta lista de conquistas obtidas junto ao Poder Público, ainda não consta, entretanto, uma das maiores reivindicações: a criminalização da homofobia.

CAPÍTULO 2 – DISCUSSÕES SOBRE LIVRO-REPORTAGEM

De acordo com Edvaldo Pereira Lima (2004), a nobre missão de informar tem sido danificada na grande imprensa brasileira, que prioriza textos curtos, apurações apressadas e tratamentos superficiais, fazendo uso de estereótipos que mascaram a realidade e reduzem os contextos a preconceitos pouco esclarecedores. Está comprometida também e, principalmente, pela falta de comprometimento ético e pela ausência de uma compreensão da visibilidade. Diante disso é que o livro-reportagem apresenta-se como eficaz alternativa.

É nesse vazio deixado pela grande mídia, que pouco a pouco transforma-se em apenas um conjunto de veículos de informação e serviço, sem mais poder para explicar ao receptor a complexa realidade contemporânea, que o livro-reportagem penetra embrionariamente (LIMA, 2004, p.56).

Surge, então, o livro-reportagem, especificamente na passagem do século XIX para o século XX, quando a narrativa jornalística, em reportagem, passa a adquirir independência, fazendo seu próprio caminho e resultando em livro, um veículo extensor do jornalismo e da literatura, áreas que se aproximam, se afastam e se intersectam desde os primórdios da imprensa moderna. O jornalismo apropriou-se de características advindas da literatura, em busca de outras técnicas e métodos para narrar o real, de modo a atender a necessidade de desenvolver os fatos e viabilizar maior compreensão do público. Foi aí que a notícia evoluiu para a reportagem, uma ampliação da narrativa simples, principalmente no formato de grande reportagem, que possibilita um mergulho nos acontecimentos e em seu contexto, envolvendo o leitor, com humanização do relato. À grande reportagem no formato de livro dá-se o nome, pois, de livro-reportagem (LIMA, 2004).

Para Sergio Vilas Boas, o livro-reportagem é uma prática jornalística e literária “que interage com várias áreas do conhecimento, possui mecanismos sofisticados de captação e de estruturação e redação de texto” (VILAS BOAS, 2002, p. 20). O autor complementa que o livro-reportagem inspira-se no legado do Novo Jornalismo, “que se propagou mundo afora a partir dos anos sessenta, no auge do movimento da contracultura” (VILAS BOAS, 2002, p. 21), quando percebeu-se que “podia haver excitação artística no modo de praticar jornalismo” (VILAS BOAS, 2002, p. 21).

Em sua obra “Páginas Ampliadas”, Edvaldo Pereira Lima conceitua o livro-reportagem, definindo-o como um “veículo de comunicação impressa não-periódico que

apresenta reportagens em grau de amplitude superior ao tratamento costumeiro nos meios de comunicação jornalística periódicos” (LIMA, 2004, p. 26) e que “desempenha um papel específico, de prestar informação ampliada sobre fatos, situações e ideias de relevância social, abarcando uma variedade temática expressiva” (LIMA, 2004, p. 1). Para o autor, desta forma, o livro-reportagem preenche aquelas lacunas deixadas pelas outras mídias:

O livro-reportagem cumpre um relevante papel, preenchendo vazios deixados pelo jornal, pela revista, pelas emissoras de rádio, pelos noticiários da televisão, até mesmo pela internet quando utilizada jornalisticamente nos mesmos moldes das normas vigentes na prática impressa convencional. Mais do que isso, avança para o aprofundamento do conhecimento do nosso tempo, eliminando, parcialmente, que seja, o aspecto efêmero da mensagem da atualidade praticada pelos canais cotidianos da informação jornalística (LIMA, 2004, p. 4).

Lima não só distingue o livro-reportagem de outros veículos de comunicação como também das demais publicações classificadas como livro. Dentre estas divergências, o autor cita algumas características essenciais, como conteúdo factual; linguagem jornalística, mas com maleabilidade no tratamento; e função de informar (própria do jornalismo informativo), defender algo (jornalismo opinativo) ou denunciar (jornalismo investigativo). Outras características apontadas são a perenidade, a maior ênfase no tema, na extensão e no aprofundamento; a liberdade temática, com a possibilidade de abordar temas geralmente ignorados ou tratados superficialmente na mídia; a liberdade de propósito, de angulação, de eixo de abordagem e de fontes, podendo fugir do círculo legitimado de entrevistados e dando abertura, assim, para vozes variadas; a não-obrigatoriedade do imediatismo, sem, contudo, perder a diretriz da contemporaneidade, entre outras (LIMA, 2004).

Nesta mesma obra, Lima (2004) apresenta uma classificação de livros-reportagem conforme a temática e a narrativa. A saber:

- Livro-reportagem perfil: aquele que evidencia o lado humano de personagens, sejam eles públicos ou anônimos;
- Depoimento: reconstitui um acontecimento importante de acordo com a visão de um participante ou testemunha privilegiada;
- Retrato: ao invés de focalizar figura humana, focaliza região, setor da sociedade, segmento de atividade econômica para traçar o retrato do objeto;
- Ciência: divulgação científica sobre determinado tema;

- Ambiente: apresenta postura combativa na conscientização da importância da harmonia da relação do homem com a natureza;
- História: focaliza tema do passado recente ou mais distante, mas conectado com o presente;
- Nova consciência: temas das novas correntes comportamentais, sociais, culturais e religiosas;
- Instantâneo: fato recém-concluído, história imediata;
- Atualidade: tema atual, mas com fatos ainda em andamento;
- Antologia: agrupamento de reportagens publicadas na imprensa;
- Denúncia: caráter investigativo, com casos marcados por escândalos;
- Ensaio: presença evidente do autor e de suas opiniões;
- Viagem: retrato de aspectos da realidade de um local.

Destes tipos elencados pelo autor, o escolhido para o livro-reportagem deste trabalho de conclusão de curso foi o perfil, por trazer as histórias de alguns gays de forma humanizada e por representar, “por suas características e circunstâncias de vida, um determinado grupo social, passando como que a personificar a realidade do grupo em questão” (LIMA, 2004, p. 52), no caso a comunidade gay.

A escolha pelo perfil justifica-se por ele proporcionar os elementos essenciais para a construção de um bom texto, de acordo com Vilas Boas (2003): memória, conhecimento, imaginação, síntese e sentimentos.

Os perfis cumprem um papel importante que é exatamente gerar empatias. Empatia é a preocupação com a experiência do outro, a tendência a tentar sentir o que sentiria se estivesse nas mesmas condições e circunstâncias experimentadas pelo personagem. Significa compartilhar as alegrias e tristezas de seu semelhante, imaginar situações do ponto de vista do interlocutor (VILAS BOAS, 2003, p. 14).

Os perfis aparecem em jornais e revistas há pelo menos dois séculos, mas, de acordo com Weinberg, “nos últimos cinquenta anos é que mais têm sido publicados perfis longos, em profundidade e escritos literariamente” (apud VILAS BOAS, 2002).

São textos biográficos curtos que narram episódios e circunstâncias marcantes da vida de um indivíduo, combinadas com entrevistas, descrições e caracterizações a partir do que os personagens perfilados revelam, às vezes sem nem dizer (VILAS BOAS, 2002, p. 93) e que,

de acordo com Silva (2009), distinguem-se das biografias por consistirem em narrativas sintéticas sobre apenas alguns trechos da vida do personagem, sem precisar contá-la por completo.

CAPÍTULO 3 – RELATÓRIO TÉCNICO

A definição da temática e do produto experimental que seria elaborado como Trabalho de Conclusão de Curso, assim como a construção do projeto aconteceram no primeiro semestre letivo de 2016, durante a disciplina COM 390.

Já a criação do livro-reportagem *Para Além do Arco-íris* foi realizada no segundo semestre, durante a disciplina COM 490, e foi executada em três fases, distribuídas em pré-produção, produção e pós-produção, conforme caracterizadas a seguir.

3.1. Pré-produção

Nesta etapa, concluí a pesquisa bibliográfica, em andamento desde o outro semestre, sobre os temas compartilhados com a minha iniciação científica, como, por exemplo, identidade, homossexualidade e outros estudos, como sobre a Teoria Queer, que, mesmo não tendo sido abordados no memorial, em razão de o trabalho não ter o propósito de aprofundá-los, serviram também de base no processo de produção.

Também nesta etapa, realizei um levantamento de possíveis fontes, que foram encontradas a partir de indicações por conhecidos, matérias na mídia e grupos LGBTs no Facebook. Em um primeiro contato com elas, expliquei a proposta do projeto e fiz uma pré-entrevista para conhecê-las.

Em seguida, selecionei os perfilados. O principal critério de seleção foi que os personagens deveriam se identificar como gays assumidamente, uma vez que achei importante, para o objetivo de dar visibilidade ao grupo e aos assuntos abordados, fazer isto com a divulgação da imagem destas pessoas, inclusive aliando o texto com suas histórias, experiências e relatos a suas fotografias. Outro critério foi de que os personagens fossem de lugares diversos e tivessem idades, ocupações, raças, classes sociais e tipos físicos variados, de modo a promover a diversidade de fontes e abarcar o preconceito existente no próprio grupo. A escolha se deu, ainda, por meio do *feeling*, ou seja, pela sensibilidade despertada e pela empatia sentida sobre os personagens durante o meu contato com eles, e também por reflexões sobre as histórias que, para mim, poderiam render bons capítulos.

Criei uma planilha (em anexo) para listar os perfilados confirmados e algumas informações sobre eles. Com esta lista montada, marquei as entrevistas com cada um dos personagens e agendei as viagens.

Também nesta etapa, elaborei um roteiro para as entrevistas, com questões sobre descoberta da sexualidade, aceitação, recepção pela família e amigos, religião, preconceitos, relacionamentos, dentre outras. Para cada entrevistado, outras questões eram acrescentadas de acordo com suas histórias e os temas que seriam abordados em seus perfis, assim como as perguntas foram sendo desdobradas à medida que as fontes respondiam durante as entrevistas.

3.2. Produção

Para a produção dos perfis, foram realizadas entrevistas abertas semi-estruturadas, que seguiram o roteiro-base e caracterizam-se, conforme aponta Duarte (2005), pela flexibilidade e por permitir que se explore ao máximo os temas. Este roteiro, portanto, não foi limitador, serviu apenas como um guia na condução das entrevistas, que ocorreram de modo que as fontes pudessem se sentir livres para contar as suas histórias, sem a preocupação de responder a perguntas pré-estabelecidas.

Todas as entrevistas foram realizadas presencialmente, pois, conforme aponta Vilas Boas, “não se faz história oral, jornalismo literário ou livro-reportagem por meio que anule a relação direta. O encontro é fundamental e se encaixa perfeitamente em um projeto biográfico” (2002, p. 64).

Após cada entrevista, foi realizado um ensaio fotográfico com os personagens, pela fotógrafa Naiara Silva, uma amiga da mesma cidade de onde sou natural, que aceitou o convite de me acompanhar neste projeto para fazer as fotos do livro. As fotografias foram feitas com uma câmera Nikon modelo D3100.

Seis personagens foram escolhidos para representar cada uma das seis seções do livro (homofobia, HIV, preconceito no grupo, família e religião, visibilidade e militância, casamento e adoção) e a cada um deles foi associada uma das cores da bandeira LGBT (vermelho, laranja, amarelo, verde, azul e lilás), que também fazem referência a uma seção temática. Nas sessões fotográficas destes personagens, houve uma maior produção, com utilização de pó colorido e objetos de cena nas cores representativas da seção, como placa, flores, turbante, fumaça e balões.

A escolha das cores não foi aleatória, mas ancorada em significações apontadas no “Dicionário das cores do nosso tempo” (1997), de Michel Pastoureau, e em matérias do site

Follow the Colours³, baseadas na obra de Eva Heller, “A Psicologia das Cores – como as cores afetam a emoção e a razão” (2000).

A foto da capa do livro, na qual apareço segurando a bandeira LGBT, foi feita em um dos estúdios do Departamento de Dança da UFV em razão da parede preta ao fundo, de modo a contrastar com as cores do tecido. As fotos dos personagens escolhidos para representar cada seção foram feitas em ambientes abertos, como praia, parque, praça e rua. As fotos dos demais personagens também foram feitas, em sua maioria, em locais abertos, mas algumas foram feitas em lugares fechados, como nos apartamentos dos fotografados.

Em agosto, fiz as entrevistas com os personagens de Minas Gerais: Virgílio, em Belo Horizonte, Eduardo, em Mariana, Nathan, em Ouro Preto e Caíque, em Viçosa. Neste mesmo mês, também viajei para Vitória, Espírito Santo, e lá entrevistei o casal Tércio e George. Para fazer a foto deles, tive a ajuda do meu colega de curso, Mateus Dias. As fotos do casamento foram gentilmente cedidas pela fotógrafa da cerimônia, Mírian Cerutti, que me enviou as fotos que eu havia escolhido, dentre as que o casal havia me mostrado. Achei que seria mais significativo mostrar momentos desta ocasião no capítulo sobre eles.

Em setembro, outra vez junto com a Naiara, viajei para São Paulo, onde fizemos a entrevista e as fotos com o Leonardo. De lá, fomos para o Rio de Janeiro para conhecermos os outros personagens: Jonathan, Pyter, Gilberto, Rodrigo e PH. Em seguida, retornamos para São Paulo para nos encontrarmos com Ozzy, que estava viajando para a Bahia durante o tempo da nossa primeira estadia na cidade. Nesta segunda estadia, descobri um personagem que ainda faltava em minha lista e que pôde contemplar vários quesitos, como visibilidade na mídia, militância e Parada do Orgulho Gay. Entretanto, o Iran estava em Santos cobrindo um festival. Então viajamos até lá para encontrá-lo.

De volta à Viçosa, entrevistei o Henrique, que mora em São Paulo, mas estava na cidade para promover uma festa. Para fazer as fotos dele, convidei outra amiga do Jornalismo, Laryssa Cristina. E a última viagem foi para Ribeirão Preto, interior de São Paulo, onde eu entrevistei o Rafael, outra vez acompanhado pela Naiara para realizar o ensaio fotográfico.

Todas as entrevistas foram gravadas pelo meu celular, por meio do aplicativo Recorder. Também fiz uso de um diário de campo, onde eu registrava informações cedidas pelos entrevistados, assim como minhas observações sobre eles, o que serviria como subsídio material para a produção dos textos. Em seguida, fiz a decupagem do material gravado. E todos os entrevistados assinaram um termo de autorização de uso de imagem e de declaração.

³ Endereço do site: followthecolours.com.br.

Em outubro, me concentrei na escrita dos textos, a partir dos relatos das entrevistas, de minhas percepções durante os encontros e de pesquisas que realizei sobre cada um dos temas abordados. Os perfis foram construídos sob a forma de narrativas jornalístico-literárias em terceira pessoa, o que evidencia a minha perspectiva como autor sobre os personagens, observações e sensibilidades, como parte de uma análise biográfica. Segundo o que sugere Isabel Carvalho (2003), em que após os informantes contarem suas histórias de vida, descrever situações, argumentar sobre problemas e como se relacionam com eles, o pesquisador obtém um material que deve ser trabalhado meticulosamente, pois a partir de então ele também se torna um interlocutor.

Também redigi um capítulo introdutório, *As cores deste arco-íris*, no qual faço uma apresentação sobre o produto e a proposta dele, e exponho um breve histórico sobre os significados das cores de cada seção temática. No final do livro, fiz dois capítulos, *Sobre eles* e *Sobre mim*. Em um, conto os bastidores do processo de produção e as minhas experiências com os personagens. No outro, conto resumidamente a minha história. É nesta parte que, então, me assumo gay.

3.3. Pós-produção

Após a escrita do conteúdo do livro, compartilhei com a minha orientadora, professora Mariana Procópio, para que ela auxiliasse na revisão e realizei a seleção das fotos, já editadas pela Naiara por meio do programa Adobe Lightroom. Em seguida, montei o projeto gráfico e fiz a diagramação do livro, pelo programa Adobe InDesign CS6, pelo qual também foram elaborados capa, contracapa e o sumário nas cores da bandeira gay. Os perfis foram escritos com a fonte Adobe Caslon, regular, tamanho 12,5 e seus títulos com a mesma fonte, em negrito, tamanho 40. Para os títulos das seções e do livro foi utilizada a fonte Reliable, que aparenta pinceladas de tinta.

Com o material pronto, tornei a fazer uma revisão e encaminhei-o para uma gráfica de Viçosa. Foi impresso no formato A5, em papel sulfite com gramatura de 120g para o miolo e papel couche de 360g para a capa. Na montagem, as páginas foram coladas para dar o acabamento do livro.

O livro contém 148 páginas e 13 capítulos (cada um deles referente a um perfil, a uma história), distribuídos em seis seções temáticas. Embora os temas se repitam em vários

capítulos, os perfis foram alocados nas seções de acordo com o assunto em destaque na história do personagem em questão.

Conforme já mencionado, cada uma das seções foi relacionada a uma das cores da bandeira LGBT e do arco-íris e esta relação não foi feita aleatoriamente, mas levando em consideração os significados das cores. Os objetos utilizados nos ensaios fotográficos dos personagens em destaque de cada seção também estão relacionados a estes significados.

Na abertura de cada uma das seções, foi colocada, ocupando duas páginas, uma foto do personagem escolhido para representá-la com o pé na cor correspondente. Ao lado foi inserida uma barra, também na cor da seção. Outros elementos também foram dispostos, como o enunciado da cor e do tema da seção e uma citação que faz referência ao assunto abordado nos capítulos subsequentes.

Para a seção sobre homofobia, foi usada a cor vermelha por representar perigo, proibição, sangue, e uma placa de trânsito com a palavra Pare para deixar uma mensagem. A cor laranja foi usada para a seção sobre HIV por significar a cura, a força e a vitalidade. As flores empunhadas pelo personagem fazem referência à ideia de vida, contrariando àquela de morte que durante muito tempo esteve atrelada ao vírus. Para a seção sobre preconceito no próprio grupo, a cor amarela foi escolhida para simbolizar que o assunto deve ser trazido à luz, que deve ser refletido. E o turbante na mesma cor foi escolhido como um símbolo representativo do personagem negro retratado nas fotos. O verde utilizado na seção sobre família e religião faz alusão à esperança, à permissão, à liberdade, esta última também simbolizada pelos balões e pelas bolhas de sabão. Localizada no meio do livro, assim como a cor verde está na metade do espectro, esta seção está simbolizando uma transição das histórias mais pesadas para as mais leves. Na sequência, a seção sobre militância foi atrelada à cor azul e à fumaça, por elas significarem visibilidade. E, por fim, a cor lilás, simbólica para a comunidade gay em muitas culturas, foi empregada na seção sobre casamento e adoção.

Também nesta fase, concluí a produção deste memorial, em andamento desde o ponto de partida do processo de criação do livro-reportagem.

3.4. Cronograma e orçamento

	Julho	Agosto	Setembro	Outubro	Novembro
Reuniões com orientadora	X	X	X	X	
Pesquisa bibliográfica e estudo	X	X	X	X	
Busca e seleção de fontes, primeiros contatos e entrevistas prévias	X				
Realização das entrevistas		X	X		
Sessões de fotos		X	X		
Produção dos textos				X	
Diagramação do livro				X	
Elaboração do projeto gráfico				X	
Revisão				X	
Impressão				X	
Defesa do TCC					X

Descrição	Valor
Passagens de ônibus e de avião para as cidades, para mim e para a fotógrafa, também custeada por mim	R\$ 2065,00
Transportes nas cidades (ônibus, metrô, táxi e Uber), em valor aproximado	R\$ 400,00
Impressão dos exemplares e dos memoriais	R\$ 700,00
Hospedagem	R\$ 730,00
Alimentação durante a estadia nas cidades, em valor aproximado	R\$ 800,00
Materiais utilizados nos ensaios fotográficos	R\$ 135,00
TOTAL	R\$ 4830,00

CONSIDERAÇÕES FINAIS: PARA ALÉM DE *PARA ALÉM DO ARCO-ÍRIS*

Neste processo de produção, surgiram alguns imprevistos. Algumas fontes já confirmadas como personagens do livro tiveram que ser retiradas do produto. Durante a viagem a Vitória, o personagem do capítulo sobre preconceito contra os afeminados teve que viajar para o interior, pois sua avó faleceu, tendo então que ter sido substituído. De princípio, eu havia agendado um encontro com um casal de Belo Horizonte para o perfil sobre casamento, mas nas vésperas da viagem, a mãe de um deles adoeceu e eles precisaram desmarcar, tendo sido substituídos por outro casal. Na viagem de Belo Horizonte a Viçosa, parei em Mariana para entrevistar o personagem que relataria sobre o preconceito por ser mais velho. Entretanto, um engarrafamento na estrada fez com que eu me atrasasse e não consegui encontrar com ele. Como não consegui nenhuma outra fonte para substituí-lo, ficou faltando no livro, mas pretendo incluí-la quando o material for reeditado para publicação e lançamento.

Também estava agendada uma entrevista com o candidato a vereador do Rio de Janeiro, David Miranda, para tratar sobre a visibilidade na política, mas durante o tempo em que estive na cidade, ele precisou desmarcar nosso encontro, pois teve que fazer uma viagem para os Estados Unidos. Em razão da campanha eleitoral e do tempo restante para o arremate do livro, não conseguimos marcar outro dia, mas também pretendo incluí-lo na reedição. Outro perfil que havia sido pensado era sobre o preconceito contra o corpo gordo, mas a fonte que consegui em Viçosa quis participar apenas se não precisasse expor a sua imagem, o que ia contra a minha proposta para o livro. Porém, como o assunto foi discutido em outros dois perfis, mesmo que não na seção sobre preconceito no grupo, achei que já estava bem representado. Havia também um personagem de Goiânia para a seção sobre religião, mas em razões de tempo, distância e condições financeiras, nosso encontro não pôde ser marcado, o que não afetou o conteúdo do livro, já que o tema foi abordado em quase todos os capítulos e em um deles com ênfase ainda maior.

Algumas outras pessoas me procuraram interessadas em tornarem-se perfis do livro, mas os temas de suas histórias já estavam sendo abordados em capítulos de perfilados já selecionados e, para evitar que ficasse muito repetitivo, agradei o interesse e anotei o contato para uma possível outra edição do livro.

Encontrei algumas dificuldades, como romper com algumas questões e lidar com a complexidade do tema, que é ampliado cada vez mais com o desenvolvimento de outros termos e conceitos. Diante disso, o livro pode apresentar alguns escapes. Frases que possam

parecer reforçar binarismos de gêneros, heteronormatividade ou preconceitos, por exemplo, foram mantidas, nestes casos, por serem formas de caracterização que vieram das falas dos próprios personagens, e, portanto, foram neste produto experimental priorizadas, uma vez que o trabalho consistia em produzir perfis destas pessoas a partir de seus relatos e não tratava-se de uma monografia.

Após as considerações da banca e alterações sugeridas feitas, pretendo encaminhar o produto para algumas editoras, na tentativa de publicar o livro, mas a principal ideia é inscrevê-lo em sites de financiamento coletivo de projeto, em parceria com alguma gráfica, preferencialmente de outra cidade, pois, embora eu tenha ficado satisfeito com o resultado obtido em um estabelecimento de Viçosa, o serviço local é bastante militado e quero que o livro seja produzido com uma qualidade maior e menor preço. No esquema de financiamento coletivo, o livro estará à venda, disponibilizado para as pessoas que quiserem adquiri-lo e os exemplares serão impressos à medida que os pedidos sejam feitos na plataforma e a compra seja confirmada. O material produzido também será utilizado em outras produções, como em uma plataforma virtual, onde pretendo postar todas as fotografias, inclusive as que não foram inseridas no livro. Penso ainda em criar páginas nas redes sociais e produzir materiais em formatos variados para divulgar o livro e a campanha de financiamento. Pretendo convidar alguma pessoa influente do meio LGBT, como o deputado Jean Wyllys, para fazer o prefácio do livro. Também irei presentear todos os entrevistados com as fotos produzidas nas sessões e desejo dar exemplares dos livros a eles.

Conforme descrevo no livro, produzir este material foi a maior experiência que já tive como jornalista e como pessoa. Além de me permitir conhecer e contar histórias de alguns personagens, de me aproximar ainda mais dos temas e de desenvolver a coragem de me assumir, o livro também possibilitou que eu refletisse sobre o compromisso como jornalista neste momento de formação e de ingresso no mercado. E não apenas para mostrar os perfis, mas principalmente para problematizar e promover os debates necessários, uma vez que o produto irá circular. Considero-me agora preparado para atuar como um comunicador, ciente dos meus deveres quanto à ética e engajado na defesa dos direitos de quem, por tantas vezes, não tem voz. Consciente também sobre a importância desta profissão e com o desejo de fazer um jornalismo melhor, que dê visibilidade e voz às pessoas, que realmente as represente e que busque reverter suas realidades sociais. Em troca, é possível deixar, assim, uma contribuição para o fazer jornalístico, que, nesta importante posição que ocupa, consegue afetar toda a sociedade e que, por isso mesmo, precisa de urgentes mudanças e adaptações.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, Daniel Mazzaro Vilar. **Performatividades gays**: um estudo na perspectiva brasileira e argentina. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Belo Horizonte – MG, 2016.
- CARVALHO, Isabel. Biografia, identidade e narrativa: elementos para uma análise hermenêutica. **Horizontes antropológicos**, vol. 9, n. 19, Porto Alegre, julho de 2003.
- FEDERAÇÃO NACIONAL DOS JORNALISTAS (FENAJ). **Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros**, 2008.
- DARDE, Vicente William da Silva. A construção de sentidos sobre a homossexualidade na mídia brasileira. **Revista Em Questão**, v. 14, n. 2, p. 223-234, Porto Alegre, jul/dez 2008.
- DUARTE, J. Entrevista em profundidade. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (orgs). **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Atlas, p. 62-83, 2005.
- FACCHINI, Regina. Entre compassos e descompassos: um olhar para o “campo” e para a “arena” do movimento LGBT brasileiro. **Revista Bagoas**, n. 4, p. 131-158, 2009.
- FRANÇA, Isadora Lins. **Cercas e pontes**. O movimento GLBT e o mercado GLS na cidade de São Paulo. Dissertação de mestrado, Antropologia Social. São Paulo: USP, 2006.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 1998.
- NUNAN, A. **Homossexualidade**: do preconceito aos padrões de consumo. Rio de Janeiro: Caravansarai Editora, 2003.
- PENA, Felipe. **Jornalismo literário**. São Paulo: Contexto, 2006.
- PEREIRA LIMA, Edvaldo. **Páginas Ampliadas**. O Livro-Reportagem como Extensão do Jornalismo e da Literatura. Barueri – SP: Manole, 2004.
- PINHO, Fabio Assis. **Aspectos éticos em representação do conhecimento em temáticas relativas à homossexualidade masculina**: uma análise da precisão em linguagens de indexação brasileiras. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Faculdade de Filosofia e Ciências da Universidade Estadual Paulista (UNESP). Marília – SP, 2010.
- QUINTÃO, D; GUIMARÃES, P; ANDRADE, G. **Espaço midiático: comportamento social face às representações e estereótipos homossexuais**. In: Anais do XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, Bauru – SP, 2013.
- SILVA, Amanda Tenório. O perfil jornalístico: possibilidades e enfreteamentos no jornalismo impresso brasileiro. **Revista Eletrônica Temática**, ano V, v. 10, 2009.

TIRELLI, Christian. Consumo de entretenimento noturno por casais gays. **Revista Pensamento Contemporâneo em Administração**, v. 5, n. 2, p. 79-94. Rio de Janeiro, mai/ago 2011.

TORRÃO FILHO, Amílcar. Uma questão de gênero: onde o masculino e o feminino se cruzam. **Cadernos Pagu**, v. 24, p. 127-152, 2005.

UZIEL, Anna Paula. Reflexões sobre a parceria civil registrada no Brasil. **Sexualidade, Gênero e Sociedade**, IMS/UERJ, n. 11, p. 8-11, julho 1999.

VILAS BOAS, Sergio. **Biografias & Biógrafos**: jornalismo sobre personagens. São Paulo: Summus, 2002.

_____. **Perfis e como escrevê-los**. Summus Editorial: São Paulo, 2003.

Anexo: Lista de fontes

HOMOFOBIA

Nome	Idade	Ocupação	Natural de	Mora em	História
Jonathan Alves	21	Estudante de Publicidade	Rio de Janeiro – RJ	Rio de Janeiro – RJ	Agressão na rua.
Virgílio Muniz	19	Estudante de pré-vestibular	Coração de Jesus – MG	Belo Horizonte – MG	Bullying na escola e depressão.
Eduardo Viana	18	Estudante de Letras	Oliveira – MG	Mariana – MG	Preconceito em casa.

HIV

Nome	Idade	Ocupação	Natural de	Mora em	História
Ozzy Cerqueira	28	Advogado	Salvador – BA	São Paulo – SP	HIV e militância.
Rafael Sanches Lopes	32	Ator, bailarino, escritor e apresentador	Ribeirão Preto – SP	São Paulo – SP	HIV, projeto Por uma Vida Positiva e canal Chá dos 5.

PRECONCEITO NO PRÓPRIO GRUPO

Nome	Idade	Ocupação	Natural de	Mora em	História
Caíque Caf	18	Estudante	Rio de Janeiro – RJ	Viçosa – MG	Negro.
Leonardo Lima	33	Designer	Belo Horizonte – MG	São Paulo – SP	Afeminado e drag queen.

FAMÍLIA E RELIGIÃO

Nome	Idade	Ocupação	Natural de	Mora em	História
Nathan Rocha	25	Operador de linha de produção	Congonhas – MG	Ouro Branco – MG	Sem problema em casa; libertação.
Pyter Arêas	26	Engenheiro mecânico	Rio de Janeiro – RJ	Rio de Janeiro – RJ	Boa relação entre religião e sexualidade.

VISIBILIDADE E MILITÂNCIA

Nome	Idade	Ocupação	Natural de	Mora em	História
Iran Giusti	27	Jornalista e militante	São Paulo – SP	São Paulo – SP	Visibilidade na mídia e militância.
Henrique Lopes	23	Dj	Governador Valadares – MG	São Paulo – SP	Entretenimento.

CASAMENTO E ADOÇÃO

Nome	Idade	Ocupação	Natural de	Mora em	História
Gilberto Scofield e Rodrigo Barbosa	50 e 35	Jornalista e corretor de imóveis	Rio de Janeiro – RJ e Teresópolis – RJ	Rio de Janeiro – RJ	Adotaram o PH em Capelinha – MG.
Tarcio e George	29 e 32	Cabeleireiros e maquiadores	Ipatinga – MG e Vitória – ES	Vitória – ES	Casamento.